



Texto Livre: Linguagem e Tecnologia

E-ISSN: 1983-3652

revista@textolivre.org

Universidade Federal de Minas Gerais

Brasil

Abio, Gonzalo

REFLEXÕES SOBRE AVALIAÇÃO FORMATIVA EM UM CURSO DA UNIVERSIDADE
ABERTA DO BRASIL

Texto Livre: Linguagem e Tecnologia, vol. 6, núm. 1, enero-junio, 2013, pp. 76-92

Universidade Federal de Minas Gerais

Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=577163626010>

- ▶ Como citar este artigo
- ▶ Número completo
- ▶ Mais artigos
- ▶ Home da revista no Redalyc



Sistema de Informação Científica

Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe, Espanha e Portugal
Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto

REFLEXÕES SOBRE AVALIAÇÃO FORMATIVA EM UM CURSO DA UNIVERSIDADE ABERTA DO BRASIL*

Gonzalo Abio/Universidade Federal de Alagoas

RESUMO: Neste trabalho queremos mostrar algumas ações avaliativas realizadas com alunos iniciantes de um curso de Pedagogia semipresencial em uma universidade do nordeste brasileiro. Estimamos que o uso de diversos tipos de avaliação e de alguns elementos de uma abordagem andragógica, mais adequada para o perfil maioritário dos alunos participantes, foram elementos favoráveis para o desenvolvimento e resultados do curso. No final, apresentamos algumas considerações gerais sobre avaliação na EaD.

PALAVRAS-CHAVE: EaD. Avaliação. *Feedback*.

ABSTRACT: In this paper we show some assessment actions carried out with beginning students in a blended pedagogy course at a university in northeastern Brazil. We estimate that the use of various types of assessment and some elements of a andragogic approach most adequate for the profile majority of the participating students have been favorable factors for the development and course results. Finally, we present some remarks on assessment in Distance Education.

KEYWORDS: Distance Education. Assessment. *Feedback*.

INTRODUÇÃO

Na avaliação da aprendizagem dos alunos e dos próprios cursos é fundamental adotar uma abordagem que seja holística, participada e formativa (GOMES, 2010, p. 333).

Um dos principais desafios e dilemas dos gestores de sistemas de educação a distância (doravante EaD) corresponde com os processos de avaliação (MILL; CARMO, 2012, p. 9) e sobre esse tópico os autores fazem algumas perguntas. Como estruturar um sistema de avaliação que atenda às diretrizes legais e pedagógicas na modalidade de EaD, concebendo aspectos essenciais ao processo avaliativo: rigor, seriedade, sigilo, identidade, etc.? Como evitar as recorrentes tentativas de burla ou cola na EaD? Por último, como gerenciar logisticamente a aplicação das provas nos Polos de Apoio Presencial?

Outros dilemas que aparecem na mesma publicação e que julgamos que estão relacionados de alguma forma com os processos pedagógicos e, em última instância avaliativos, fazem referência à flexibilidade de espaço, tempo e pedagogia na EaD, assim como à alta evasão de

* Uma primeira versão deste trabalho foi apresentada no 4º Simpósio Hipertexto e Tecnologias na Educação, UFPE, em novembro de 2012.

alunos nessa modalidade, mas também os autores indagam sobre o papel dos sistemas informáticos para uma gestão pedagógica da EaD perguntando sobre qual será a contribuição da telemática na gestão do conhecimento e dos processos logísticos na EaD e quais seriam as estratégias possíveis para desenvolver a comunicação e mediação entre docente e educandos e para o enriquecimento da construção do conhecimento através da EaD (MILL; CARMO, 2012, p. 9).

O tema da avaliação na EaD será o foco deste trabalho, pois estimamos que os processos avaliativos repercutem diretamente na qualidade do processo geral, fato pelo qual será um desafio para o docente e a equipe de EaD a definição e operacionalização de um conjunto coerente de estratégias de avaliação integradas às tecnologias digitais que promovam uma avaliação dialógica, autônoma e colaborativa, adaptada a cada situação. Por exemplo, Nunes e Vilarinho (2010) em três cursos diferentes encontraram que a avaliação foi o aspecto mais problemático, o que mostra a necessidade de se questionar e repensar as formas em que a avaliação vem sendo conduzida na formação de professores. Como dizem Gaytan e McEwen (2007), conhecer mais sobre avaliação na EaD é de grande importância para aumentar a excelência das instituições educacionais¹.

A capacitação do docente no uso do AVA para uma avaliação eficaz é um requisito fundamental, segundo Silva e Silva (2007), pois uma postura favorável do docente diante da avaliação da aprendizagem online certamente influenciará seus alunos de forma positiva. Concordamos também com Morgado (2001) e muitos outros autores que consideram que a atuação do professor e tutores pode ser a chave do sucesso do ensino online.

A primeira parte deste trabalho será destinada à legislação existente na EaD referente ao tema da avaliação, assim como às opiniões de diversos autores sobre o papel dessa legislação, passando em uma segunda parte ao comentário de alguns trabalhos e possibilidades de avaliação na EaD em geral. Finalmente, na terceira parte, serão apresentadas e comentadas algumas experiências avaliativas realizadas em uma disciplina introdutória de *Educação e Novas Tecnologias* ministrada de forma semipresencial em um curso da *Universidade Aberta do Brasil* (UAB).

Apesar de relatar vários processos e tipos de avaliação, nosso olhar estará direcionado fundamentalmente para as possibilidades e potencialidades da avaliação formativa.

1 A AVALIAÇÃO NA EAD

Entre os documentos que regulamentam ou direcionam a EaD, os *Referenciais de Qualidade para a Educação Superior a Distância* (BRASIL, 2007) situam um marco importante para o processo de ensino nessa modalidade. A parte dedicada à avaliação (nas páginas 16 e 17) oferece uma série de pautas a considerar, muitas delas óbvias, porém necessárias, e na última parte diz:

As avaliações da aprendizagem do estudante devem ser compostas de avaliações a distância e avaliações presenciais, sendo estas últimas cercadas das precauções de segurança e controle de frequência, zelando pela confiabilidade e credibilidade dos resultados. Neste ponto, é importante destacar o disposto no Decreto 5.622, de 19/12/2005, que estabelece obrigatoriedade e prevalência das avaliações presenciais sobre outras formas de avaliação (BRASIL, 2007, p. 17).

O citado decreto 5.622 (BRASIL, 2005), não apenas exige a realização de exames

presenciais como também acrescenta que esses exames devem prevalecer sobre os resultados obtidos com qualquer outra forma de avaliação.

Não são poucas as vozes que se levantam e questionam semelhante exigência. Entre eles estão Silva e Silva (2008) e Moran (2011). Silva e Silva (2008) opinam que

de forma geral, as leis que normatizam a EAD brasileira têm contribuído para a repetição de modelos tradicionais e a não integração das tecnologias de ponta, disponíveis em ambientes virtuais de aprendizagem, no cotidiano dos Cursos de Graduação, especialmente no que diz respeito à avaliação da aprendizagem (SILVA; SILVA, 2008).

Moran (2011) em *Desafios da Educação a Distância* acrescenta:

Os modelos de avaliação do MEC privilegiam o acompanhamento local. É possível fazer cursos com bom atendimento on-line e pouco acompanhamento presencial. É possível fazer um curso totalmente on-line em muitos países. Aqui, legalmente não – para certificação do MEC. Isso faz parte do momento atual, da regulamentação presente, mas acreditamos que não se sustentará por muito tempo porque pode inibir propostas de outros cursos, com projetos inovadores (MORAN, 2011, p. 70).

Esse autor também faz alusão em outro trecho de seu texto à Portaria 4.059, conhecida por muitos como a “Lei do 20%” (BRASIL, 2004).

Os momentos fortes da EaD no Brasil são os presenciais: a avaliação e o acompanhamento local. Em muitos países ou modelos é possível fazer cursos com bem mais apoio virtual e com avaliações a distância.

Um dos exemplos desse excessivo detalhamento acontece na definição de 20% de atividades a distância em cursos superiores presenciais. Em um primeiro momento, pareceu um avanço, mas depois percebemos que outros países que não regulamentam porcentagens têm mais liberdade e flexibilidade para escolher diferentes graus de relação entre o presencial e o a distância. As instituições podem definir o grau de atividades a distância de acordo com as necessidades de cada curso. Isso facilita o avanço dos cursos semipresenciais, possibilitando mais rapidez e propostas diversificadas e sua integração com a EaD como um todo. [...] Por que definir uma porcentagem, seja ela qual for? O mais importante seria analisar o projeto e sua implementação (MORAN, 2011, p. 71).

Oliveira e Cruz (2010) são da opinião de que existe uma necessidade de modificar as formas de pensar a EaD online em todos os aspectos que envolvem a prática educativa, e especificamente, naqueles que se referem ao processo de avaliação, sendo necessário ultrapassar os limites impostos pela lógica avaliativa tradicional classificatória e pensando em formas de articular teoria e prática na busca da construção de uma avaliação que priorize os aspectos qualitativos do processo de ensino e aprendizagem. Essa avaliação também deve auxiliar o aluno a aprender.

Algumas perguntas que poderíamos fazer até aqui e que evidenciam algumas preocupações nossas, são as seguintes: O processo da avaliação final sempre tem que ser em papel e de forma presencial? Como as novas tecnologias podem contribuir com a avaliação e a qualidade do processo em geralⁱⁱ? De uma forma mais geral poderíamos indagar também sobre como preparar um caminho seguro e confiável para os alunos adultos que iniciam um curso em nível universitário e em uma modalidade de estudo desconhecida para muitos deles.

Silva (2006), inspirado na educadora Jussara Hoffmann advoga por uma "avaliação mediadora" libertadora e não transmissiva, que pode ser levada na sala de aula online utilizando uma abordagem dialógica e interativa, na qual os aprendizes são vistos como autônomos, com capacidade de autoria nas próprias decisões, inventivos, descobridores e participativos, agindo em cooperação e reciprocidade (SILVA, 2006, p. 27). O autor ressalta que desde essa nova perspectiva e possibilidades brindadas pela tecnologia e o hipertexto, os docentes podem deixar de ser meros transmissores e se tornar "formuladores de problemas, provocadores de situações, arquitetos de percursos, em soma, agenciadores da construção do conhecimento na experiência viva da sala de aula" (idem, ibidem, p. 33).

Silva (2006) continua:

No ambiente de aprendizagem online, precisaremos propor conteúdos de aprendizagem como obra aberta na qual a imersão, a navegação, a exploração e a polifonia possam fluir na lógica da completação, ou seja, de modo a permitir ao aprendiz completar e não meramente contemplar. Todos os participantes poderão contribuir com a dinâmica conectiva e colaborativa (SILVA, 2006, p. 33).

Para um engajamento na "avaliação mediadora" este autor menciona algumas ferramentas e interfaces adequadas que foram sugeridas por Schlemmer (2005, p. 141): a autoria cooperativa de formas, instrumentos e critérios de avaliação; a autoavaliação; a avaliação do grupo; a avaliação do professor e os históricos quantitativo e qualitativo (SILVA, 2006, p. 34), mas também adverte que essas sugestões estão abertas a novas agregações de acordo com cada situação.

Para avançar na questão da avaliação online dos aprendizes, alguns pressupostos gerais são mostrados por Nunes e Vilarinho (2006, p. 117-20): (1) o diálogo é a essência da avaliação; (2) a avaliação interessa a todos os envolvidos, alunos e professores; (3) a avaliação de aprendizagem dos alunos só se torna consistente quando se faz em uma relação dialética; (4) a avaliação da aprendizagem torna-se mais abrangente quando entrelaça aspectos qualitativos e quantitativos; (5) a avaliação é instrumento de transformação/mudança; (6) a autoavaliação é elemento chave para alunos e docentes conscientizarem-se das suas dificuldades e conquistas.

Nunes e Vilarinho (2006) acrescentam:

Os instrumentos de avaliação online devem ser diversificados e, como já foi mencionado, do conhecimento dos alunos. É preciso que os professores tenham o cuidado de explicitar os objetivos de cada instrumento e como cada um será avaliado no cômputo geral. Isto vale para um resumo de texto ou para uma monografia de final de curso. Acreditamos que a explicitação dos propósitos das tarefas pode auxiliar o aluno online a compreender melhor o curso como um todo, incluindo o processo de avaliação [...] Um dos grandes problemas da aprendizagem virtual refere-se à clareza da comunicação. Assim, nada mais pertinente do que possibilitar ao aluno o entendimento do significado de cada tarefa (NUNES; VILARINHO, 2006, p. 119).

Outras recomendações úteis para conseguir respostas positivas dos alunos no processo de avaliação formativa e compartilhada, e, consequentemente, para uma aprendizagem mais eficaz, são destacadas por López Pastor (2009) a partir das experiências reunidas pela *Red Nacional de Evaluación Formativa e Compartida* espanhola. Elas são: (1) planejar adequadamente o processo de ensino-aprendizagem e nele, os processos avaliativos; (2) clareza na apresentação do programa, para tentar diminuir a natural insegurança, desconfiança e até rejeição, que podem acontecer nos

primeiros contatos com avaliações formativas; (3) potenciar a negociação sobre a proposta apresentada no início do curso, que deve ser aberta, flexível e consensual; (4) partir da avaliação inicial ou diagnóstica; (5) potenciar o uso de estratégias variadas de avaliação, podendo o aluno até fazer opção pelos diversos tipos de avaliações, formativa ou tradicional; (6) criar um clima adequado de trabalho. Apesar de que o clima de uma instituição educativa é algo difícil de definir, de fato, a relação entre clima e satisfação está presente em numerosas pesquisas realizadas; (7) colocar em prática processos de coavaliação e autoavaliação, pois é desejável e necessária a capacidade de poder avaliar o próprio trabalho ou dos colegas e; (8) reservar um espaço e tempo para avaliação da qualidade docente, de forma que o professor possa desenvolver uma melhor aprendizagem e reflexão sobre a própria prática docente (LÓPEZ PASTOR, 2009, p. 119-124).

Comeaux (2006) menciona algumas vantagens e benefícios que as tecnologias podem proporcionar para facilitar as tarefas avaliativas:

- mais eficiência na gestão, coleta e transferência de informações da avaliação;
- capacidade de monitorar de forma automática as atividades dos estudantes;
- possibilidade de ter múltiplas ferramentas de comunicação para facilitar e documentar diálogos que podem ser revisitados, como parte do processo de aprendizagem e avaliação;
- mais oportunidades e formas de dar *feedback* para os alunos;
- existência de uma grande quantidade de bibliotecas de recursos e ferramentas interpretativas;
- aumento da participação dos alunos nos debates online;
- possibilidade de que os alunos possam expressar seus pensamentos e reflexões de forma escrita;
- facilidade de seguimento e classificação da participação do aluno pois as discussões ficam escritas;
- uso de testes online como uma ferramenta que pode ser utilizada de forma livre quando o aluno quiser sem as restrições de tempo e lugar impostas pelos testes presenciais.

Do ponto de vista da motivação para a aprendizagem, a avaliação é também importante (VALVERDE; REVUELTA; FERNÁNDEZ, 2012, p. 52). Para Gaytan e McEwen (2007), as técnicas efetivas de avaliação no ambiente online podem incluir uma combinação de projetos, portfólios, autoavaliações, avaliações em pares e avaliações semanais com *feedback* imediato, mas também deve ser levado em consideração que, do ponto de vista cognitivo, a aprendizagem pode melhorar quando são realizadas frequentes avaliações por meio de testes rápidos e informais (ABIO; BARANDELA, 2012).

Não podemos ignorar que na relação entre aprendizagem, avaliação e motivação ou satisfação com os cursos, o *feedback* proporcionado nas interações e avaliações – seja humano ou automático – também tem um papel muito importante. O *feedback* é importante para manter a motivação dos estudantes da EaD (FLORES, 2009) e para Siemens, o pai da ecologia da aprendizagem e do conectivismo, o *feedback* é um elemento chave em qualquer sistema saudável levando sua falta à incapacidade para ajustar, aclimatar e adaptar o sistema (SIEMENS, 2006, p. 126). Poderíamos ir até uma frase que pode parecer extrema, mas que não deixa de mostrar a importância da presença desse elemento. “Uma ação sem *feedback* é completamente improdutiva para o aluno” (LAURILLARD, 1993, p. 61 *apud* HUNT; HUGHES; ROWE, 2002, p. 527). Muitos autores tratam também sobre este tema no contexto da comunicação nos cursos mediados por tecnologias.

Devemos fazer notar que é no ensino híbrido dos cursos semipresenciais que se pode reunir o melhor de cada uma das modalidades, a presencial e a distância, como foi constatado por

De la Vega (2008) quando analisou as possibilidades de avaliação em ambas as modalidades, mas se sabe também que uma das especificidades nos cursos online é que a avaliação deve ser mais sistemática que nos cursos presenciais (ROBLES; BRAATHEN, 2002 *apud* GAYTAN; MCEWEN, 2007, p. 119)ⁱⁱⁱ.

Em Abio (2010a), durante uma edição anterior da mesma disciplina que aqui analisaremos, os resultados de um questionário aplicado na metade do curso em forma de autoavaliação formativa livre para testar os conhecimentos aprendidos mostraram que todos os alunos ($n=177$) entenderam como positiva sua aplicação, fato evidenciado nas respostas abertas que com esse sentido foram colocadas no final do teste.

Daquela amostra selecionamos dois comentários, pois eles chamam a atenção para a evidência de que, além do trabalho com o computador, os tipos de perguntas, respostas e *feedback* automático proporcionados nessa avaliação, davam uma sensação de proximidade do aluno com o professor que parecia “estar presente”:

O *feedback* foi muito importante na hora de tirar minhas dúvidas e na hora de confirmar o que eu já sabia, é uma ferramenta fundamental para ajudar o aluno neste tipo de atividade. Parecia até que o professor estava do meu lado na hora da atividade. Abraços!

Com certeza, como eu havia comentando na pergunta anterior, esse *feedback* automático, nos dá uma sensação de que não estamos sozinhos, pelo menos para mim, essa sensação é muito importante.

Dessa forma, até que ponto a atividade produzida com *feedback* automático deixa de ser interatividade automática, entre pessoa e computador, para se converter em uma interação ou diálogo entre professor e aluno mediados pelo computador?

Palloff e Pratt dedicam partes importantes de suas conhecidas obras ao tema da avaliação em cursos online (PALLOFF; PRATT, 2002, 2004, 2009). Eles ressaltam a importância da avaliação formativa e contínua e de outras formas de avaliação como a avaliação colaborativa; também a utilização de abordagens centradas no aluno, além de atender ao diálogo, às estratégias que fomentem a reflexão e a responsabilidade pela formação, assim como preparar avaliações que sejam adequadas para cada contexto, sem esquecer de avaliar também os professores, cursos e programas. Os autores oferecem também dicas sobre como tratar o assunto do plágio, para o qual argumentam que o uso de uma abordagem colaborativa que enfatiza a formação de uma comunidade de aprendizagem é a melhor defesa contra o plágio e a fraude (PALLOFF; PRATT, 2004, p. 122).

Esses autores citam Morgan e O'Reilly (1999), que apresentam seis qualidades fundamentais que deve ter a avaliação de alunos online: uma justificativa clara e uma abordagem pedagógica consistente; valores, metas, critérios e padrões claros; tarefas autênticas e holísticas; uma estrutura facilitadora; acompanhamento formativo suficiente e adequado; assim como uma consciência do contexto de aprendizagem e das percepções inerentes a ele. Isto quer dizer que se o curso for elaborado com diretrizes e objetivos claros, se as tarefas e atividades são relevantes, não só para a matéria estudada, mas também para a vida dos alunos e, finalmente, se os alunos entenderem o que se espera deles, a avaliação estará de acordo com o curso como um todo, deixando de ser uma tarefa isolada e incômoda (PALLOFF; PRATT, 2004, p. 116). Os autores citam também, como exemplo, os problemas causados em um curso cuja avaliação final não estava alinhada com os objetivos de aprendizagem e métodos utilizados. Dessa forma, constata-se que uma

avaliação escrita final pode não ser a melhor escolha para cursos de determinadas disciplinas.

Na tabela abaixo reproduzimos as sugestões de Palloff e Pratt (2004, p. 123-124) para incluir a avaliação dos alunos e a avaliação de cursos online.

Tabela 1: Sugestões de técnicas de avaliação do curso e para tratar o plágio e cola em cursos online

Questão de avaliação	Técnica de avaliação
Avaliação dos alunos	<ul style="list-style-type: none"> - Elabore uma avaliação centrada no aluno, incluindo a autorreflexão. - Acrescente nos critérios de avaliação a contribuição dos alunos às discussões. - Prepare uma avaliação colaborativa com envio de artigos acompanhados de comentários de um aluno para outro. - Estimule nos alunos o desenvolvimento de habilidades para envio de <i>feedback</i>. Prepare diretrizes para essa finalidade e mostre com seu próprio exemplo. - Use técnicas de avaliação adequadas para os objetivos de aprendizagem propostos. - Elabore uma avaliação clara, de fácil compreensão e que funcione no ambiente online. - Faça que a avaliação no curso seja contínua. - Disponibilize uma área no site do curso para a avaliação e reflexão. - Use meios criativos para avaliar o curso, tais como cartas aos próximos alunos, e dê crédito aos alunos que o fizerem. - Inclua tanto a avaliação formativa quanto a avaliação final no curso. - Elabore avaliações finais que sejam além dos comentários sobre o professor; inclua a avaliação da experiência de aprendizagem, do suporte técnico e da tecnologia utilizada.
Plágio e cola	<ul style="list-style-type: none"> - Varie as técnicas de avaliação, incluindo testes e provas, diários, além de trabalhos, artigos e projetos colaborativos. - Fique alerta para mudanças nas mensagens enviadas pelos alunos e no estilo dos trabalhos. - Modifique a cada semestre as questões de discussão e dos trabalhos. - Peça para os alunos concluírem os trabalhos progressivamente. - Minimize o uso de situações individuais e competitivas, aumentando o uso de colaboração e da construção da comunidade. - Verifique as fontes citadas nos trabalhos dos alunos. - Faça exames supervisionados. - Ensine aos alunos o que é que constitui um plágio. - Se nada funcionar, use um serviço de detecção de plágio.

Fonte: Palloff e Pratt (2004, p. 123-124) adaptado.

A obra mais recente de Palloff e Pratt, de 2009, está dedicada integralmente ao tema da avaliação. Nela, além de informações adicionais sobre técnicas, como o uso de portfólios e autobiografias de aprendizagem online, as rubricas de avaliação são as que aparecem em destaque.

Segundo constataram Gaytan e McEwen (2007, p. 126), o uso de rubricas de avaliação está entre as estratégias mais utilizadas para avaliação de cursos online. Linden (2005 *apud* ARAÚJO, 2008) é da opinião que as rubricas são “potencialmente capazes de indicar expectativas e delinear os percursos pelos quais os conhecimentos vão sendo formados ao longo de um evento, ao

mesmo tempo em que podem orientar o aluno em termos de expectativas e facilitar a trajetória da comunicação no ambiente virtual”, mas para constituir-se em uma boa ferramenta para avaliar o desempenho dos alunos, a rubrica deve ser associada ao método de avaliação e apresentar as seguintes características: facilidade, objetividade, granularidade, transparência, herança, associativa, reutilização, padronização e clarificação (BIAGIOTTI, 2005).

Cruz e Silva (2007), a partir de avaliação mediadora de Hoffmann (2005) e os fundamentos da interatividade preconizados por Silva (2002), elaboraram uma rubrica com algumas proposições de indicadores de qualidade a serem observados nas interfaces fórum e chat de um AVA^{iv} utilizado em um curso de extensão. Os fóruns foram as interfaces mais adequadas para praticar a avaliação de aprendizagem na concepção mediadora e para utilizar a rubrica preparada^v.

Araújo *et al.* (2008), fundamentados na Taxionomia de Bloom (1983) utilizam uma rubrica que pode ajudar tutores e alunos avaliar a participação e aproveitamento em fórum de discussão de um curso de pós-graduação em engenharia. Outras rubricas, neste caso para avaliar a capacidade de interações de cursos online, foram apresentadas por Roblyer e Ekhaml (2000); Roblyer e Wiencke (2003, 2004).

Também, Valverde Berrocoso, Revuelta Domínguez e Fernández Sánchez (2012), comentam sobre a possibilidade e utilidade do uso das rubricas, neste caso para avaliação de competências em uma das últimas versões do Moodle, enquanto que em Midlej (2011) poderemos observar várias rubricas existentes em um curso preparado em uma versão anterior do Moodle.

2 ALGUMAS EXPERIÊNCIAS REUNIDAS

A maioria dos alunos que frequentam os cursos oferecidos pela UAB na área de pedagogia, pelo menos em nosso contexto de atuação na região nordeste do país, são adultos de média idade, muitos deles já inseridos no mercado de trabalho. Uma parte já possui uma carreira universitária concluída, mas a maioria está iniciando seus estudos universitários por necessidade, para atestar os conhecimentos exigidos em sua função docente ou, em outros casos, por interesses diversos. Com esse perfil de alunos é uma necessidade utilizar uma abordagem andragógica na elaboração dos cursos, que pode ser focado, pelo menos em parte, em explorar mais as experiências de vida, anseios e características deles, junto com conteúdos, forma de apresentação e dinâmicas mais adequadas para esses alunos adultos. Em Abio (2010b) discutimos algumas das ações gerais feitas com essa intenção nesse curso. Como digo também nesse texto, adaptando as palavras de Arnt (2008), se no planejamento e colocação em prática de um curso a distância é preciso ter um grande cuidado, esse cuidado e atenção devem ser ainda maiores quando o curso é com adultos que iniciam seus passos no ensino a distância.

O cuidado e a atenção para as ações a serem realizadas devem ser estendidos também para os processos avaliativos do curso. No curso que aqui relatamos, de apenas quatro semanas de duração, utilizamos diversos instrumentos e procedimentos avaliativos entre os recomendados pela literatura estudada e que, em parte, foram mencionados na seção anterior deste texto, seguindo também, as recomendações do design instrucional/educacional (DI ou DE) para cursos a distância^{vi}.

Entre os procedimentos utilizados estão, o uso de uma avaliação diagnóstica inicial, assim como de uma lista de comprovação de conhecimentos em uma parte do curso, para que os alunos possam refletir sobre o que devem saber e seu grau de domínio sobre competências e

conhecimentos esperados até esse momento. Essa rubrica foi pedida para ser analisada e respondida, primeiro de forma individual, e depois, por meio de interação assíncrona em um fórum para discutir aqueles elementos que ainda provocassem dúvidas do conteúdo trabalhado no curso^{vii}. Foi também uma tarefa constante levar, por várias vias, à reflexão e verbalização dos alunos suas percepções sobre o processo, dúvidas e dificuldades, assim como ter um papel mais participativo nos comentários e sugestões para melhorar o curso.

Do ponto de vista instrumental, a avaliação final da disciplina também incluiu uma parte prática dedicada à realização de atividades de letramento digital consideradas básicas para um aluno de um curso universitário online. Isto é, a busca na Internet de um determinado texto, seu arquivamento e envio posterior do arquivo com a ferramenta correspondente do Moodle (envio de tarefa). Outra competência testada foi a digitação em um tempo aceitável da imagem de um parágrafo de texto que não está disponível na Internet, para o qual sugerimos previamente para os alunos atenção para a prática de digitação, assim como o uso ou teste com jogos específicos para praticar e avançar nessa necessária habilidade. Desde o início do curso essas habilidades básicas instrumentais foram mostradas e incentivadas.

A situação nova que queremos mencionar aqui com referência à avaliação, está relacionada com a necessidade circunstancial que tivemos de realizar uma reavaliação de forma totalmente online, pois devíamos entregar rapidamente os resultados da avaliação, para os alunos efetuarem sua matrícula regular no seguinte semestre que já iniciava.

Com esse fim, optamos pela utilização do Moodle, em um módulo preparado especialmente para essa avaliação, com várias tarefas a serem realizadas, algumas delas para comprovar as habilidades práticas alcançadas de encontrar informações específicas na Internet, digitar, salvar e enviar arquivos, mas também, foram avaliados os conhecimentos teóricos estimados como necessários neste curso, de uma forma muito similar que se fosse uma prova em papel, com perguntas de múltipla escolha e perguntas de resposta aberta.

Trinta e sete alunos participaram na reavaliação desde os polos correspondentes e dessa forma pudemos resolver a situação de falta de tempo disponível.

O que chamou a nossa atenção é que, ao contrário do que tínhamos imaginado, todos os alunos comentaram positivamente sobre a experiência e oportunidade que tiveram com essa reavaliação.

Seguem alguns comentários de alunos na pergunta final do questionário que foi colocada com o objetivo de saber a opinião deles sobre a avaliação realizada dessa forma:

- Professor, Obrigada pela avaliação. Primeiro fiquei nervosa com o tempo avançando no reloginho, mas saí bem na tarefa. Agora eu entendi que eu mesma devo digitar os textos. Devo praticar mais.
- Adorei a forma como foi elaborada esta reavaliação. Espero então ter obtido um bom êxito. Um abraço virtual! E obrigada por tudo.
- É uma forma simples de reabilitação de ideias, que a partir de uma segunda chance, nos auxilia a ter uma visão mais clara daquilo que quero alcançar.
- Gostei, pois já tinha uma noção do assunto e foi um questionário agradável! Muito Boa...
- Fez uma breve revisão sobre tudo que estamos vivenciando. Parabéns!

O primeiro comentário está relacionado com o desafio proposto no Moodle, de digitar um parágrafo de texto que estava acompanhado de um relógio configurado na própria atividade para permitir sua realização no tempo que consideramos adequado para completar essa tarefa. Sem

dúvidas, a contagem regressiva do tempo foi um fator de estresse, mas a tarefa em sentido geral estava configurada para que pudesse ser completada sem grandes esforços por todos aqueles que tivessem uma velocidade de digitação minimamente aceitável.

O formato já conhecido das atividades no questionário avaliativo contribuiu para que essa reavaliação na sua totalidade fosse entendida por muitos como mais uma oportunidade de avaliação formativa, segundo foi evidenciado nos comentários reunidos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Algumas considerações e recomendações que podemos fazer sobre estas experiências e atividades na disciplina aqui relatada com referência à avaliação são as seguintes:

As perguntas nos questionários de avaliação diagnóstica inicial realizada, geralmente são bem recebidas pelos alunos, pois informam e servem para uma reflexão prévia.

Apesar das dificuldades por ser uma disciplina no início da carreira universitária, consideramos que as oportunidades de avaliação formativa proporcionadas facilitaram um aumento na confiança dos alunos na avaliação e no aproveitamento do curso. Neste caso, os questionários autoavaliativos com *feedback* automático acoplado tiveram um importante papel.

A situação de reavaliação realizada de forma online, em um módulo específico para avaliação preparado no próprio AVA do curso, permitiu conhecer com maior rapidez os resultados obtidos.

Gostaríamos também de tecer outros comentários e recomendações sobre avaliação de índole mais geral, que são os seguintes:

Na EaD as possibilidades e formas de avaliação devem ser diversificadas. Além da avaliação somativa, cada curso deve tirar o máximo de proveito de situações de avaliação: diagnóstica inicial, autoavaliação, avaliação formativa, colaborativa, etc. disponibilizando formas não obrigatórias de testar os conhecimentos e habilidades e orientar os alunos, além das avaliações regulares.

O fato de deixar sempre disponíveis as orientações sobre o que é esperado no curso e sobre cada uma das atividades ou processos aumenta a confiança eliminando dúvidas e perguntas. A explicitação das categorias e peso de cada um dos itens ou tópicos avaliados é útil, além do uso de grades ou rubricas de avaliação (com resultados inseridos de forma manual ou automática).

Os professores autores de material didático devem ser informados também nos cursos de formação sobre as possibilidades de avaliação que oferece o AVA. Normalmente, os cursos de formação de professores autores concentram seus esforços em mostrar as dinâmicas de produção de material didático na instituição e apresentam brevemente o Moodle e suas principais ferramentas, mas pouca atenção é dada para obter um conhecimento e domínio suficiente sobre as diversas formas de avaliar. Por exemplo: a versão 2.4 do Moodle traz novas possibilidades de avaliação que devem ser entendidas e praticadas.

Cada uma das instituições deveria ter comunidades com fóruns permanentes de discussão entre técnicos, professores e tutores para discutir e intercambiar informações e experiências sobre avaliação e gestão de cursos na EaD.

Por último, estimamos que não se trata de eliminar totalmente a avaliação final presencial, mas a legislação nacional da EaD deve acompanhar os avanços, dinamismo e novas possibilidades brindadas pela tecnologia. Dessa forma, deveria ser estudada e discutida, do ponto de vista legal e prático, a implementação gradual de outras formas de avaliação e de controle da avaliação.

Agradecimentos:

Gostaria de agradecer as contribuições de dois pareceristas anônimos que fizeram valiosos comentários à primeira versão deste texto apresentada para publicação.

REFERÊNCIAS

ABIO, Gonzalo. Importancia del *feedback* automático como apoyo al aprendizaje en el Moodle. *Texto Livre: Linguagem e Tecnologia*, Belo Horizonte, v. 3, n. 2, 2010a. Disponível em: <<http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/textolivre/article/view/61/772>>. Acesso em: 10 fev. 2012.

ABIO, Gonzalo. Andragogia e inclusão digital: algumas reflexões. *Revista EDaPECI*. Educação a Distância e Práticas Educativas Comunicacionais e Interculturais, v. 6, p. 31-49, 2010b. Disponível em: <<http://www.seer.ufs.br/index.php/edapeci/article/view/597>>. Acesso em: 15 jan. 2012.

ABIO, Gonzalo; BARANDELA, Ana Margarita. Algunas reflexiones sobre el aprendizaje, evaluación formativa y mediación tecnológica. *Marcoeloe*, n. 15, 2012. Disponível em: <http://marcoeloe.com/descargas/15/abio-barandela_mediacion-tecnologica.pdf>. Acesso em: 21 out. 2012.

ARAÚJO, Elenise Maria de et al. Rubrica para avaliação de fórum de discussão em cursos de pós-graduação: Uma proposta baseada na taxionomia de Bloom. In: ENCONTRO NACIONAL DE ENGENHARIA DE PRODUÇÃO, 28., 2008, Rio de Janeiro. *Anais...* Rio de Janeiro, Associação Brasileira de Engenharia da Produção - ABREPO, 13 a 16 de outubro de 2008. Disponível em: <<http://www.abepro.org.br/biblioteca/enegep2008 TN STO 078 544 10868.pdf>>. Acesso em: 21 out. 2012.

ARNT, Rosamaria de Medeiros. Planejamento em ação e sistemas sociais humanos: expressões de cuidado em educação online. In: MORAES, Maria Cândida; PESCE, Lucila; BRUNO, Adriana Rocha. *Pesquisando Fundamentos para Novas Práticas na Educação online*. São Paulo: RG Editores, 2008. p. 96 - 115.

BIAGIOTTI, Luiz Cláudio Medeiros. Conhecendo e aplicando rubricas de avaliações In: CONGRESSO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA, 12., 2005, Florianópolis. *Anais...* Florianópolis, ABED, 2005. Disponível em: <<http://www.abed.org.br/congresso2005/por/pdf/007tcf5.pdf>>. Acesso em: 22 out. 2012.

BLOOM, Benjamin S. et al. *Taxionomia de objetivos educacionais*: compêndio primeiro - domínio cognitivo. Tradução de Flávia Maria Sant'Anna. Porto Alegre: Globo, 1983.

BRASIL. Portaria nº 4.059, de 10 de dezembro de 2004. *Diário Oficial da União*, Poder Executivo, Brasília, DF, 10 de dezembro de 2004. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/sesu/arquivos/pdf/nova/acs_portaria4059.pdf>. Acesso em: 12 fev. 2009.

BRASIL. Decreto nº 5.622, de 19 de dezembro de 2005. Regulamenta o art. 80 da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da Educação Nacional. *Diário Oficial da União*, Poder Executivo, Brasília, DF, 19 de dezembro de 2005. Disponível em: <https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2004-2006/2005/Decreto/D5622.htm>. Acesso em: 12 fev. 2009.

BRASIL. *Referenciais de qualidade para a Educação Superior a Distância*. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação a Distância, 2007. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seed/arquivos/pdf/legislacao/refead1.pdf>>. Acesso em: 12 fev. 2009.

COMEAUX, Patricia. Assessing Students' Online Learning: Strategies and Resources. *Essays on Teaching Excellence. Toward the Best in the Academy*, v. 17, n. 3, 2006. Disponível em: <<http://cte.udel.edu/sites/cte.udel.edu/files/u7/v17n3.htm>>. Acesso em: 12 fev. 2009.

CRUZ, Nelly Kazan Sancho; SILVA, Marco. Reflexões sobre a avaliação da aprendizagem em educação online: um caminho para a interatividade. In: ENCONTRO DE EDUCAÇÃO E TECNOLOGIAS DA INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO – E-TIC, 5., Universidade Estácio de Sá, Mestrado em Educação e Cultura Contemporânea, 12-13 nov. 2007. Disponível em: <<http://etic2008.files.wordpress.com/2008/11/unesanellykazan.pdf>>. Acesso em: 12 fev. 2009.

DE LA VEGA, Katherine T. Taxonomy for the development of an assessment model of learners in a hybrid learning environment. In: ANNUAL CONFERENCE OF THE SOUTHWEST DECISION SCIENCES INSTITUTE, 39., 2008, Houston, Texas (E.U.A.). *Proceedings...* Houston, Texas, 08-09 mar. 2008. p. 740-750. Disponível em: <<http://www.swdsi.org/SWDSI08/paper/SWDSI%20Proceedings%20Paper%20S763.pdf>>. Acesso em: 15 nov. 2012.

FERRAZ, Eraldo de Souza; MERCADO, Luís Paulo Leopoldo. Avaliação de aprendizagem no curso de pedagogia a distância. *Virtual Educa 2011*. Disponível em: <<http://www.virtualeduca.info/fveduca/pt/component/content/article/55-la-calidad-en-la-educacion-no-presencial-y-el-e-le/269-avaliacao-da-aprendizagem-no-curso-de-pedagogia-a-distancia>>. Acesso em: 15 nov. 2012.

FLORES, Angelita Marçal. O *feedback* como recurso para a motivação e avaliação de aprendizagem na educação a distância. In: CONGRESSO INTERNACIONAL ABED DE EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA, 15., 2009, Fortaleza, CE. *Anais...* Fortaleza, CE, ABED, 2009. Disponível em: <<http://www.abed.org.br/congresso2009/CD/trabalhos/1552009182855.pdf>>. Acesso em: 22 ago. 2012.

GAYTAN, Jorge; MCEWEN, Beryl C. Effective Online Instructional and Assessment Strategies; *The American Journal of Distance Education*, v. 21, n. 3, p. 117-132, 2007. Disponível em: <<http://090803.wikispaces.com/file/view/effective+online+instructional+and+assessment+strategies.PDF>>. Acesso em: 15 jan. 2012.

GOMES, Maria João. Problemáticas da avaliação em educação online. In: SILVA, Marco; PESCE, Lucila; ZUIN, Antônio (Org.). *Educação Online*. Cenário, formação e questões didático-metodológicas. Rio de Janeiro: Wak Editora, 2010. p. 309-336.

HOFFMANN, Jussara M. L. *Avaliação mediadora*: uma prática em construção da pré-escola à universidade. Porto Alegre: Mediação, 2005.

HUNT, Nicoll; HUGHES, Janet; ROWE, Glenn. Formative Automated Computer Testing (FACT). *British Journal of Educational Technology*, v. 33, n. 5, p. 525-535, 2002.

LAURILLARD, D. *Rethinking University Teaching*. London: Routledge, 1993.

LINDEN, M. M. G. Van Der. *Diálogo didático mediado on-line*: subsídios para sua avaliação em situações de ensino-aprendizagem. Orientadores: Ricardo Miranda Barcia e Stela C. Bertholo Piconez. 261 f. 2005. Tese (Doutorado em Engenharia de Produção) - Departamento de Engenharia de Produção e Sistemas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2005.

LÓPEZ PASTOR, Víctor M. (Coord.). *Evaluación Formativa y Compartida en Educación Superior*. Propuestas, técnicas, instrumentos y experiencias. Madrid: Narcea Ediciones, 2009.

MARSHALL, Stephen. Improving the quality of e-learning: lessons from the eMM. *Journal of Computer Assisted Learning*, 28, p. 65-78, 2011. Disponível em: <<http://onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1111/j.1365-2729.2011.00443.x/abstract>>. Acesso em: 15 set. 2012.

MATTAR, João. *Games em educação*: como os nativos digitais aprendem. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2009.

MATTAR, João. Web 2.0 e redes sociais na Educação a Distância: Cases no Brasil. *La Educ@cion Revista Digital*, v. 145, p. 1-23, 2011. Disponível em: <http://www.educoas.org/portal/La Educacion Digital/laeducacion_145/studies/EyEP_mattar_ES.pdf>. Acesso em: 15 jan. 2012.

MATTAR, João. *Tutoria e interação em Educação a Distância*. São Paulo: Cengage Learning, 2012.

MIDDLEJ, Maristela. *Módulo 05 - Práticas pedagógicas e tecnologias da informação e comunicação*. 2011. Disponível em: <<http://www.moodle.ufba.br/course/view.php?id=8937>>. Acesso em: 22 out. 2012.

MILL, Daniel; CARMO, Hermano. Análise das dificuldades de educadores e gestores da Educação a Distância no Brasil e em Portugal. SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA - SIED, 1., ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISADORES DE EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA - EnPED, 2012, Anais... Florianópolis, SC: UFSC, 2012. Disponível em: <<http://sistemas3.sead.ufscar.br/ojs/index.php/sied/article/view/158>>. Acesso em: 22 out. 2012.

MORAES, Maria Cândida; PESCE, Lucila; BRUNO, Adriana Rocha. *Pesquisando Fundamentos para Novas Práticas na Educação online*. São Paulo: RG Editores, 2008.

MORAN, José Manuel. Desafios da educação a distância no Brasil. In: MORAN, José Manuel; ARANTES, Valéria Amorim; VALENTE, José Armando (Org.). *Educação a distância*. Pontos e contrapontos. São Paulo: Sumus, 2011. p. 45-86.

MORAN, José Manuel; ARANTES, Valéria Amorim; VALENTE, José Armando (Org.). *Educação a distância*. Pontos e contrapontos. São Paulo: Sumus, 2011.

MORGADO, Lina. O papel do professor em contextos de ensino online. Problemas e virtualidades. Discursos. *Univ. Aberta*, série III, n. especial, p. 125-138, 2001. Disponível em: <https://repositorioaberto.uab.pt/bitstream/10400.2/1743/1/professor_online_linamorgado.pdf>. Acesso em: 15 jan. 2012.

MORGAN, Chris; O'REILLY, Meg. *Assessing Open and Distance Learners*. London: Kogan Page, 1999.

NUNES, Lina Cardoso; VILARINHO, Lúcia Regina Goulart. Avaliação de aprendizagem no ensino online. Em busca de novas práticas. In: SILVA, Marco; SANTOS, Edméa (Orgs.). *Avaliação da aprendizagem em educação on-line*. Fundamentos, interfaces de dispositivos, relatos de experiências. São Paulo: Loyola, 2006. p. 109-121.

NUNES, Lina Cardoso; VILARINHO, Lúcia Regina Goulart. Avaliação da aprendizagem na formação docente a distância: repensando a prática a partir de práticas. In: SILVA, Marco; PESCE, Lucila, ZUIN, Antônio (Org.). *Educação Online*. Cenário, formação e questões didático-metodológicas. Rio de Janeiro: Wak Editora, 2010, p. 337-355.

OLIVEIRA, Valéria do Carmo de; CRUZ, Fátima Maria Leite. A avaliação da aprendizagem na educação a distância: um estudo sobre as concepções docentes na EaD online. SIMPÓSTIO HIPERTEXTO E TECNOLOGIAS NA EDUCAÇÃO “REDES SOCIAIS E APRENDIZAGEM”, 3., Recife, PE. *Anais eletrônicos...* Recife, PE.: UFPE, 02-03 dez. 2010. Disponível em: <<http://www.ufpe.br/nehte/simpósio/anais/Anais-Hipertexto-2010/Valeria-Carmo-Oliveira&Fatima-Maria-%20Cruz.pdf>>. Acesso em: 15 jan. 2012.

PALLOFF, Rena; PRATT, Keith. *Construindo Comunidades de Aprendizagem no Ciberespaço*. Tradução de Vinícius Figueira. Porto Alegre: Artmed, 2002.

PALLOFF, Rena M.; PRATT, Keith. *O aluno virtual*. Um guia para trabalhar com estudantes online. Tradução de Vinícius Figueira. Porto Alegre: Artmed, 2004.

PALLOF, Rena M.; PRATT, Keith. *Assessing the Online Learner*. Resources and Strategies for Faculty. San Francisco, CA: Jossey-Bass, 2009.

ROBLES, Marcel; BRAATHEN, Sandy. Online assessment techniques. *The Delta Pi Epsilon Journal*, Delta Pi Epsilon Inc., v. 44, n. 1, p. 39–49, 2002.

ROBLYER, M. D.; WIENCKE, W. R. Design and Use of a Rubric to Assess and Encourage Interactive Qualities in Distance Courses. *The American Journal of Distance Education*, v. 17, n. 2, p. 77-98, 2003. Disponível em: <http://spot.pcc.edu/~rsuarez/rbs/school/EPFA_511/articles/rubric.pdf>. Acesso em: 15 jan. 2012.

ROBLYER, M.D.; WIENCKE, W.R. Exploring the Interaction Equation: Validating a Rubric to Assess and Encourage Interaction in Distance Courses. *JALN*, v. 8, n. 4, p. 25-37, December 2004. Disponível em: <http://www.adesignmedia.com/OnlineResearch/%28ourRole%29rubs-interactionv8n4_roblyer.pdf>. Acesso em: 15 jan. 2012.

SCHLEMMER, Eliane. Ambiente virtual de aprendizagem (AVA): uma proposta para a sociedade em rede na cultura de aprendizagem. In: VALENTINI, Carla B.; SOARES, Eliana M. S. (Orgs.). *Ambientes virtuais: compartilhando idéias e construindo cenários*. Caxias do Sul, RS, 2005, p. 135-159.

SIEMENS, George. *Knowing Knowledge beta*. 2006. Disponível em: <http://www.elearnspace.org/KnowingKnowledge_LowRes.pdf>. Acesso em: 15 fev. 2012.

SILVA, Angela Carrancho da; SILVA, Christina Marília Teixeira da. Avaliação da aprendizagem em ambientes virtuais: rompendo as barreiras da legislação. In: CONGRESSO INTERNACIONAL ABED DE EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA “MAPEANDO O IMPACTO DA EAD NA CULTURA DO ENSINO-APRENDIZAGEM, 14., Santos, SP, 2008. Anais... Santos, SP, 2008. Disponível em: <<http://www.abed.org.br/congresso2008/tc/510200863228PM.pdf>>. Acesso em: 10 nov. 2012.

SILVA, Lana; SILVA, Marco. A avaliação online num ambiente virtual de aprendizagem. In: *E-TIC.*, 5., ENCONTRO DE EDUCAÇÃO E TECNOLOGIAS DA INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO, 5., Rio de Janeiro, 2007, , Universidade Estácio de Sá, Mestrado em Educação e Cultura Contemporânea, Rio de Janeiro, 12-13 nov. 2007. Disponível em: <<http://etic2008.files.wordpress.com/2008/11/unesalanasilva.pdf>>. Acesso em: 10 nov. 2012.

SILVA, Marco. *Sala de aula interativa*. Rio de Janeiro: Quartet, 2002.

SILVA, Marco; PESCE, Lucila; ZUIN, Antônio (Org.). *Educação Online*. Cenário, formação e questões didático-metodológicas. Rio de Janeiro: Wak Editora, 2010.

SILVA, Marco. O fundamento comunicacional da avaliação da aprendizagem na sala de aula online. In: _____; SANTOS, Edmáea. *Avaliação da aprendizagem em educação on-line*. Fundamentos, interfaces de dispositivos, relatos de experiências. São Paulo: Loyola, 2006. p. 23-36.

_____; SANTOS, Edmáea. *Avaliação da aprendizagem em educação on-line*. Fundamentos, interfaces de dispositivos, relatos de experiências. São Paulo: Loyola, 2006.

SOEIRO, Dina Isabel Mendes; FIGUEIREDO, António Dias de; FERREIRA, Joaquim Armando Gomes Ferreira. Avaliação Participativa em B-learning no Ensino Superior. In: CONFERÊNCIA INTERNACIONAL DE TIC NA EDUCAÇÃO: CHALLANGES, 7., 2011, Braga. *Proceedings...* Braga, 2011. p. 345-355.

VALENTINI, Carla B.; SOARES, Eliana M. S. (Org.). *Ambientes virtuais: compartilhando idéias e construindo cenários*. Caxias do Sul, RS, 2005.

VALVERDE BERROCOSO, Jesús; REVUELTA DOMÍNGUEZ, Francisco Ignacio; FERNÁNDEZ SÁNCHEZ, María Rosa. Modelos de evaluación por competencias a través de un sistema de gestión

de aprendizaje. Experiencias en la formación inicial del profesorado. *Revista Iberoamericana de Educación*, n. 60, p. 51-62, 2012. Disponible em: <<http://www.rieoei.org/rie60a03.pdf>>. Acesso em: 20 nov. 2012.

- i Os processos de avaliação para o desenvolvimento progressivo das competências dos alunos também formam parte do *Modelo de Maturidade de E-learning* que mede a qualidade da educação a distância nas instituições (MARSHALL, 2011).
- ii Na reunião realizada em 27 de maio de 2013, organizada pela COREAD (Coordenadora Geral de Regulação da Educação Superior a Distância) com diversos representantes convidados para revisar/atualizar o Marco Regulatório da EaD brasileira o tema da avaliação presencial foi amplamente discutido. A conclusão da maioria foi da necessidade de revisão desse equívoco regulatório na EaD. Por que uma avaliação presencial seria mais qualitativa do que a avaliação a distância? Nessa reunião foram apresentadas várias formas e métodos para uma avaliação a distância possuir os mesmos supostos diferenciais da avaliação presencial e, em alguns casos, com mais rigor e mais qualidade. A sugestão da maioria é de eliminação dessa obrigatoriedade que seria facultativo para as IES (segundo documento com resumo da reunião elaborado por Enilton Ferreira Rocha e disponível em: <<http://www.wr3ead.com.br/ABEDMEC/revmarcoregulead2013.pdf>>. Acessado em 30 de maio de 2013).
- iii Um exemplo de avaliação sistemática foi utilizado por Soeiro, Figueiredo e Ferreira (2011) que criaram uma estrela de avaliação para reunir dados quantitativos e qualitativos de cada aula com críticas da aula e sugestões para o futuro. O uso desse instrumento permitiu que os alunos se tornassem mais críticos, mais envolvidos e pedagogicamente mais responsáveis pelo desenvolvimento e melhoria do curso.
- iv AVA, sigla de Ambiente Virtual de Aprendizagem.
- v Ferraz e Mercado (2011) realizaram outra pesquisa referente às atividades avaliativas nas disciplinas do primeiro semestre do curso mencionado neste trabalho. Estes autores encontraram que o fórum foi a ferramenta mais utilizada com propósitos avaliativos pelos quatro professores estudados.
- vi Mattar discute em várias obras (por exemplo: 2009, 2011, 2012), as diferenças propostas entre DI (Design Instrucional) e DE (Design Educacional).
- vii Fragmentos da rubrica utilizada e de um questionário inicial completado pelos alunos podem ser vistos nos slides 26 a 29 da apresentação disponível em <<http://www.slideshare.net/tabano/hipertexto2012>>.